

Corpo Sutil e Inconsciente Somático em C.G.Jung

Nos *Seminários* que JUNG escreveu sobre *NIETZSCHE*, Jung nos propõe um modelo de extrema importância. Os *Seminários* foram dados no período de 1934 a 1939. Nesta época ainda não estava suficientemente desenvolvido o conceito de *sincronicidade* o que fez com que Jung não adentrasse o bastante a questão do *Corpo Sutil* vindo a designá-lo simplesmente como “*inconsciente somático*” para diferenciá-lo do *inconsciente psíquico*.

Quando trata do corpo nas Obras Completas, por exemplo, tratando-se de sonhos ou de alquimia, esse normalmente é visto como símbolo de uma realidade psíquica ou de um complexo. Jung estava porém, completamente cômico de quão difíceis são as questões levantadas a partir do corpo, o que aparece claramente em seus *Seminários sobre Nietzsche*, onde foi obrigado a ocupar-se mais profundamente desta questão uma vez que para Nietzsche, o Si-mesmo podia ser vislumbrado no corpo; podendo inclusive aparecer como uma identificação entre o Si-mesmo e o corpo.

O modelo aqui proposto por Jung, de modo muito sintético, afirma que existe uma ligação entre consciência e inconsciente, que de um lado conduz ao reino puramente espiritual e de outro, ao corpo e à matéria. Usa para este modelo o espectro apontando em duas direções opostas: os instintos e os arquétipos, cabendo ao instinto o infra-vermelho e ao arquétipo o ultra-violeta, compondo assim o que denominou de *arquétipo psicóide*. Se é visto como ultra-violeta, se vai em direção ao espírito, vem a ser inconsciente psíquico; se é visto como infra-vermelho, se vai em direção à matéria, vem a ser inconsciente somático. Jung diz:

“You see, when we speak of the unconscious we mean the psychological unconscious, which is a possible concept; we are then dealing with certain factors in the unconscious which we really can understand and discriminate. But the part of the unconscious which is designated as the subtle body becomes more and more identical with the functioning of the body, and therefore it grows darker and darker and ends in the utter darkness of matter; that aspect of the unconscious is exceedingly incomprehensible. I only mentioned it because in dealing with

Nietzsche's concept of the self, one has to include a body, so one must include not only the shadow – the psychological unconscious – but also the physiological unconscious, the so-called somatic unconscious which is the subtil body". Lecture VIII, 1935.

Em suas *Obras completas* Jung geralmente traz como correlatos a imaginação e o inconsciente psíquico. Assim a Terra, por exemplo, pode aparecer como símbolo do arquétipo materno; enquanto nos *Seminários*, Jung a propõe como a própria realidade da matéria, como corpo. Com isto, Jung está afirmando que o Si-mesmo é tanto corpo quanto psique, e que, o corpo lhe é apenas uma manifestação exterior. A alma surge então como “*a vida do corpo*”; se não pode viver em seu próprio corpo, o Si-mesmo, por assim dizer, rebela-se ou revela-se, atuando através dos sintomas.

Ao tratar o corpo como dimensão do Si-mesmo, Jung não está fazendo referência apenas à modalidade fisicamente experimentada, como ocorre atualmente no mundo moderno. Diz-se que há uma dedicação abusiva com relação ao corpo e todo tipo de exercícios e cremes para mantê-lo, conservá-lo. Não se trata disto. Trata-se do “*corpo sutil*” ou seja, do sintoma como símbolo; do somático como lugar de revelação do psíquico, porque o corpo e a psique são dois aspectos de uma mesma realidade.

O “*ver*”, é considerado semelhante àquilo descrito por Carlos Castañeda em seu encontro com Dom Juan. Trata-se de um *ver* imaginário mas simultaneamente, corpóreo, no sentido de ser experimentado em uma relação muito estreita com o corpo. Trata-se da distinção que os alquimistas faziam entre “*imaginatio vera*” e “*fantástica*”. Em alquimia esta “*imaginatio vera*” era de suma importância para levar a *opus* à termo.

Sonia Regina Lyra

CRP 08/0745

Junho de 2005.